

GLOBALIZAÇÃO: SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO E TRABALHO

Josecleto Costa de Almeida Pereira *

Sumário: Introdução. 1. O mito da globalização. 2. Sociedade da informação. 3. As metamorfoses do trabalho. Considerações finais. Referências bibliográficas.

Introdução

Assiste-se nos dias hodiernos um processo de globalização determinista no aspecto econômico, mas de uma política de despolitização, política essa centrada no neoliberalismo, nas liberalizações dos direitos fundamentais e na desregulamentação dos princípios que caracterizam o Estado democrático de Direito.

Na pós-modernidade (aqui compreendida como uma postura descomprometida com as grandes transformações socioeconômica, cultural e política das Nações) prevalece a utopia dos mercados livres e da globalização. Mas paira no ar um mundo fragmentado, com seus diversos significados.

Além disso, os paradigmas do nosso tempo tem consolidado um individualismo egocêntrico em detrimento da solidariedade, fruto da competição predatória imprimida pela lógica neoliberal.

O homem pós-moderno passa a guerrear consigo mesmo e com os outros, como diz Hobbes: "A Guerra de cada um contra cada um".

Por conseguinte, várias interrogações faz-nos mergulhar num labirinto de difícil saída, apesar das revoluções tecnológicas nas áreas do átomo e da informação das últimas décadas do século XX.

* Mestre em Direito. professor Adjunto IV do Curso de Direito da Universidade Federal de Santa Catarina.

Nesse contexto, as relações de trabalho são consideradas valores materiais pecuniários, ou seja, o velho liberalismo, despidido de ética, vê as pessoas como mercadorias, isto porque a lógica de mercado não tem como prioritária a cidadania, a dignidade da pessoa humana e os valores sociais do trabalho.

Portanto, não é admissível que as inovações tecnológicas sejam utilizadas para provocar tanto desemprego e, por conseguinte, aumentar as desigualdades e as distâncias sociais entre as Nações.

1. O mito da globalização

A lógica da globalização se assenta sobre a competição predatória entre as nações e a liderança das empresas transnacionais, baseando-se na combinação de várias estratégias nos campos econômico, político, ideológico, cultural e, nesse início de milênio, militar. Seus componentes fundamentam-se essencialmente no controle da tecnologia de ponta, dos recursos (o Estado sendo o intermediário) e da força de trabalho.

A globalização está longe de integrar efetivamente todos os povos do planeta nesse início do século XXI. Isso porque é impossível destruir as especificidades nacionais, pois a grande maioria da população mundial encontra-se excluída de informações (exclusão digital) e de acesso aos bens e serviços básicos.

Desse modo, encontram-se, especialmente nos países chamados desenvolvidos, os “incluídos” na globalização, como os engenheiros, economistas, advogados, administradores e analistas de sistemas conectados por meio dos computadores, prestando serviços especializados.

De outro lado, há os desempregados, os trabalhadores precários, a terceirização, o trabalho a distância (teletrabalho) e aqueles que realizam atividades informais com baixo nível de renda, ou seja, são os desconectados das novas tecnologias.

A globalização trouxe não só um aumento dos fluxos internacionais de capitais e informações, mas uma fragmentação na sociedade civil, afetando a realidade social dos indivíduos e suas opções políticas e sociais.

A ampliação das conexões econômicas e políticas entre as nações possibilitou enfraquecimento do papel dos Estados nacionais. Esses, tornaram-se reféns do setor privado, submetendo-se à lógica do capitalismo global.

Como consequência, se instaurou uma nova situação estrutural do conflito capital/trabalho. O poder dos sindicatos estão fragilizados, não só pela flexibilização na organização do trabalho, mas pelo fato de as novas tecnologias reduzirem a mão-de-obra.

Na pós-modernidade, a utopia dos mercados livres e da globalização torna-se a grande referência global.

Os defensores da “política social” neoliberal sustentam a tese do Estado mínimo e da flexibilização dos direitos e garantias fundamentais (individuais e coletivas) dos trabalhadores como solução para as questões sociais.

A lógica perversa do neoliberalismo busca reduzir radicalmente as funções do Estado e suas políticas públicas. No âmbito do direito, tornam-se vulneráveis as cláusulas de proteção ao exercício da cidadania e as garantias fundamentais que são o esteio do Estado de direito (no direito constitucional atual, a tendência predominante é de valorizar os princípios fundamentais como condição básica para a consolidação do Estado de direito).

Nesse contexto, constata-se que os avanços tecnológicos e as descobertas das duas últimas décadas do século passado estão levando o homem atual a um profundo sentimento de impotência diante dos impasses, das incertezas que essa mesma tecnologia tem proporcionado a aqueles que não figuram como ganhadores nessa sociedade global.

A lógica predominante é a dominação do econômico sobre o social, é a ditadura do consumo alienado e da submissão ao império das mídias globais.

Assim sendo, a idéia de que o mercado pode resolver os problemas das sociedades modernas é um mito. Os desafios da sociedade global é essencialmente social e político. O mercado é importante, mas não cria solidariedade humana, pelo contrário, cria conflitos, rivalidades e disputas.

É preciso, pois, aprofundar a discussão sobre o papel do Estado e da sociedade civil nesse processo globalizante das modalidades de realização do capital internacional.

Torna-se complexa a confrontação entre capital e trabalho, devido à fragmentação e fragilidade das ações coletivas. As metamorfoses que estão ocorrendo no mercado de trabalho deve ser o ponto de partida do movimento sindical mundial para poder superar os obstáculos internos e externos e assim reunir todas as forças disponíveis para contrapor-se à lógica neoliberal.

Um dos temas mais dramático para a sociedade hodierna é a problemática do desemprego, isto porque o capitalismo global estimula o individualismo e a fragmentação dos interesses. É por essa razão que numa leitura mais atenta vê-se o multiculturalismo ser fortalecido em detrimento das identidades nacionais, o interesse individual ou neocorporativo contra o interesse público, a seletividade contra a igualdade, o realismo do consumo imediato contra a utopia, instaurando-se uma anarquia que favorece o darwinismo social e econômico.

Assim, torna-se fundamental compreender a complexa sociedade global e, ao mesmo tempo, buscar novas perspectivas dentro de uma dialética (na linguagem gramsciana, é o que corresponde aos significado de “processo tese/antítese/síntese”) articulada, visando pôr no centro dessa difícil problemática o ser humano.

Ressalte-se, nessa perspectiva, que para a grande maioria da humanidade a globalização está impondo-se de forma perversa e excludente. Além disso, o desemprego vem provocando uma grande fragmentação no movimento sindical. A pobreza aumenta e a fome se generaliza em todos os continentes.

Com razão assinala Milton Santos que

(...) a perversidade sistêmica que está na raiz dessa evolução negativa da humanidade tem relação com a adesão desenfreada aos comportamentos competitivos que atualmente caracterizam as ações hegemônicas. Todas essas mazelas são direta ou indiretamente imputáveis ao presente processo de globalização ¹

É nesse contexto que a sociedade global adquire várias dimensões, como por exemplo, no âmbito do processo do chamado “desenvolvimento

¹ SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2001, p.19-20.

sustentável” toma outro vulto: diversidades e desigualdades, interdependências e integrações, fragmentos e antagonismos. Este é a lógica globalizante em que a nação parece ser província.

A sociedade global encontra no início dos anos 80, com Ronald Reagan, nos Estados Unidos, e a primeira-ministra Margaret Thatcher, na Inglaterra, os arautos das políticas neoliberais, expandindo-se primeiramente pela Europa, e, nos anos 90, a cartilha neoliberal expande-se por todos os países da América Latina.

Assim sendo, é importante lembrar que o neoliberalismo de hoje é o velho liberalismo econômico do século XIX, travestido com novos paradigmas.

Uma das características desses valores liberais é a defesa do Estado mínimo na dinâmica do mercado, devendo o poder público limitar-se a pequenas tarefas. O diagnóstico dos neoliberais são centrados nos seguintes tópicos : as economias encontram-se estagnadas pelo excesso de burocracia, pela atividade sindical e pela ineficiência das empresas estatais. E são taxativos na competição predatória, ou seja, na concorrência profissional somente deve ser selecionado os “melhores” numa espécie de darwinismo social (sobrevivência do mais forte).

Nesse contexto, as políticas neoliberais conseguiram propiciar aumento dos lucros no capital especulativo em detrimento dos investimentos produtivos, e o resultado dessa realidade é o desemprego e o descaso nas políticas sociais.

No entanto, os países em desenvolvimento, em virtude da visível crise do neoliberalismo, começam a adotar medidas impopulares passando por cima dos poderes Legislativo e Judiciário com o objetivo de proteger o capital especulativo.

Por outro lado, no início desse século XXI, com a crise do neoliberalismo abriu-se um espaço para as críticas e propostas a essa ideologia que foi tão facilmente aceita nos países da América Latina.

Como em outros períodos da História, a problemática das questões sociais traz como resultados novos atores e novas lutas sociais nesse mundo globalizado.

Além disso, ampliam-se em muito os desafios dos movimentos sociais devido à concentração do capital financeiro e pela imposição do reino absoluto do livre-comércio, da livre circulação do capital, com a conseqüente precarização do trabalho.

Como diz Pierre Bourdieu:

(...) os movimentos internacionais recentes, de que a marcha europeia dos desempregados não é senão o mais exemplar, são sem dúvida os primeiros sinais, ainda fugazes, da descoberta coletiva, no seio do movimento social e para além dele, da necessidade vital do internacionalismo ou, mais precisamente, da internacionalização dos modos de pensamento e das formas de ação.²

Assim, acreditamos numa utopia racional como uma resposta à lógica do capitalismo global vigente, tendo no movimento sindical e nos movimentos sociais a base para a construção de uma sociedade socialmente mais justa e solidária.

2. Sociedade da informação

A globalização está propiciando a criação de uma sociedade civil global com valores distintos dos valores econômicos das organizações multilaterais como o FMI e o Banco Mundial. E essa realidade pode ser percebida através das manifestações conjuntas e articuladas de trabalhadores, movimentos feministas, ambientalistas, desempregados e muitas organizações não-governamentais (ONGs) de vários países.

O fato é que esses movimentos sociais podem criar mecanismos de defesa contra a exclusão social e política numa luta de alianças internacionais com o objetivo de domesticar a globalização para torná-la mais humanitária, isto porque vivemos num confronto estrutural entre incluídos e excluídos socialmente.

O mundo globalizado tem ampliado os contrastes e as desigualdades entre as nações. De uma lado, tem-se a pequena elite conectada aos

² BOURDIEU, Pierre. **Contrafogos 2**: Por um movimento social europeu. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001 p. 26-27.

produtos mais sofisticados, aos fluxos internacionais de capital e comércio; de outro, a expansão de um contingente enorme de pobres e excluídos do acesso aos bens básicos.

Além disso, no âmbito da vida em sociedade, a avassaladora mídia global, ao padronizar os gostos e os hábitos de consumo, termina por dificultar uma reflexão dos cidadãos sobre a sua própria realidade.

Dentro desse quadro verifica-se que a sociedade global tem na *internet* sua grande aliada que é indiscutivelmente global e interativa.

A comunicação por redes de computadores representa um valor econômico muito significativo, pois se transformou em um meio de transmissão de informações intercontinental, tais como publicações, discussões, trocas de opiniões e, mais recentemente, a realização do comércio eletrônico.

Porém, essa tecnologia de informação por si só não gera conhecimento, mas poderá ser mais um instrumento necessário para se combater a exclusão digital em uma sociedade multiexcludente.

Todas as grandes revoluções políticas e sociais são dramáticas, mas a revolução científico-técnica que se está presenciando é, sem dúvida, uma verdadeira tragicomédia do conhecimento humano a confusão dos saberes.

Como na história de Esopo:

Como a língua de Esopo, a *internet* é ao mesmo tempo a melhor e a pior coisa do mundo. O progresso de uma comunicação sem limites ou quase sem limites e o desastre, a colisão, mais dia menos dia, desse Titanic da navegação virtual com um iceberg.³

A *internet* aboliu a realidade das distâncias e, ao mesmo tempo, vem acelerando a própria realidade. Esse fenômeno propiciou a mudança geofísica do globo com conseqüências políticas, ou seja, na história das sociedades dava-se uma importância política muito grande as fronteiras nacionais, mas hoje diante da desterritorialização dos Estados perde-se a referência geopolítica, e as coletividades perdem a sua própria identidade nacional.

³ VIRILIO, Paul. **A bomba informática**. Tradução de Luciano V. Machado. São Paulo: Estação Liberdade, 1999, p. 105.

A *internet* como meio de comunicação global aperfeiçoa-se, propiciando uma desrealização do mundo real, pois o mundo virtual da *internet* tira o indivíduo da realidade e o insere em um ciberespaço sem fronteiras e sem regras.

A exacerbação da tecnologia com a lógica das leis de mercado têm sido um processo devastador na identidade cultural e regional de todos os povos, além de comprometer o desenvolvimento social, político, cultural e econômico dos países periféricos.

Dessa perspectiva, assiste-se uma derrocada das economias industrializadas e o aumento do desemprego. Como afirma Paul Virilio que

(...) a inflação virtual já não diz respeito, pois, apenas à economia dos produtos manufaturados, à bolha financeira, mas à própria compreensão de nossa relação com o mundo.

A partir daí, o famoso risco sistêmico já não é apenas o da falência das empresas, dos bancos, por reação em cadeia, como hoje na Ásia, mas sim a temível ameaça da cegueira, de uma cegueira coletiva da humanidade; a possibilidade inaudita de uma derrota dos fatos e, pois, de um descontrole de nossa relação com o real (...) ⁴

Com a globalização em tempo real, cujo modelo principal é a *internet*, os teleatores agem e interagem numa revolução fantástica de informação, fazendo com que a realidade dos fatos tenha menos importância, ou seja, essa informação em tempo real, na realidade termina por minar a “verdade”, criando dúvidas e incertezas.

Daí questionarmos a forma de como a *internet* está sendo implementada, pois poderá ser utilizada para consolidar uma democracia virtual sem uma reflexão coletiva e com um cidadão adestrado nos parâmetros da sociedade de consumo. Ou em outras palavras, vive-se o grande confronto entre as novas tecnologias e as ações coletivas, como diz Pierre Lévy:

⁴ VIRILIO, Paul. **A bomba informática**. Tradução de Luciano V. Machado. São Paulo: Estação Liberdade, 1999, p.110.

(...) na era do planeta unificado, dos conflitos mundializados, do tempo acelerado, da informação desdobrada, das mídias triunfantes e da tecnociência multiforme e onipresente, quem não sente que é preciso repensar os objetivos e os meios da ação política? A integração plena das escolhas técnicas no processo de decisão democrática seria um elemento chave da necessária mutação da política. As sociedades ditas democráticas, se merecerem seu nome, têm todo o interesse em reconhecer nos processos sociotécnicos fatos políticos importantes, e em compreender que a instituição contemporânea do social se faz tanto nos organismos científicos e nos departamentos de pesquisa e desenvolvimento das grandes empresas quanto no Parlamento ou na rua.⁵

Assim, é possível concluir que as revoluções tecnológicas (a primeira foi na Inglaterra, no século XVIII, e a segunda, nos últimos anos do século XIX, tendo como centro dinâmico desse processo os Estados Unidos e a Alemanha) somente tornaram-se evidentes quando reconfiguram todos os aspectos sociais e políticos da sociedade.

Portanto, nesse terceiro milênio consolida-se a nova revolução tecnológica centrada especialmente nas novas tecnologias de informação, mas com impacto profundo em todas as dimensões da sociedade.

A sociedade contemporânea tem como fundamental no campo da comunicação a utilização do computador. E o capital financeiro internacional circula atualmente no planeta pelas redes informacionais. Recentemente, o Brasil foi palco do chamado ataque especulativo, quando a economia nacional tornou-se dependente dos fluxos de capital, ou seja, as famosas fugas de capitais.

Mas vemos que a indústria também se comunica pelas redes. E as matrizes e filiais das grandes empresas estão conectadas pela *internet*.

Assim, torna-se cada vez mais concreto a economia digital e, como consequência desse novo paradigma econômico e produtivo, o desemprego tecnológico ou mais precisamente a exclusão digital.

É indiscutível a necessidade de se discutir e repensar essa sociedade que se está vivenciando, principalmente diante dessas enormes alterações econômicas, sociais, culturais e políticas, em curso desde a explosão das

⁵ LÉVY, Pierre. **As Tecnologias da Inteligência: O Futuro do Pensamento da Era da Informática**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1999, p. 195.

conexões à *internet*, a partir dos anos 90, ou seja, a consolidação da sociedade da informação.

O ícone dessa sociedade da informação é o computador, ligado em rede está alterando de forma profunda as relações das pessoas no tempo e no espaço e reconfigurando o mapa-múndi. Como diz Pierre Lévy:

(...) as técnicas não determinam nada. Resultam de longas cadeias inter cruzadas de interpretações e requerem, elas mesmas, que sejam interpretadas, conduzidas para novos devires pela subjetividade em atos dos grupos ou dos indivíduos que tomam posse dela. Mas ao definir em parte o ambiente e as restrições materiais das sociedades, ao contribuir para estruturar as atividades cognitivas dos coletivos que as utilizam, elas condicionam o devir do grande hipertexto.⁶

Por conseguinte, as redes informacionais ampliaram a capacidade de pensar do ser humano e ao mesmo tempo, criando uma desigualdade profunda no que diz respeito à utilização das informações e de como elas são transformadas em conhecimento.

Assim sendo, esse processo não apenas pode ampliar as desigualdades sociais, mas também criar um fosso enorme entre os incluídos e os excluídos digitais.

Nesse contexto, se faz necessário refletir de forma crítica esse processo, e ao mesmo tempo, procurar criar um novo referencial de identidade dentro desse sistema que anulou o sujeito. Como diz Pietro Barcellona:

(...) não há lugar para o diferente, para a descontinuidade, não há lugar para o desejo individualizado que se estrutura na relação com o outro, na dimensão intersubjetiva, em que a identidade e a diferença se mantêm reciprocamente sem confundirem-se jamais.

A razão formal, instrumental e calculista nos deu homogeneidade à reprodução sistêmica como fim em si mesma e escavou um abismo entre o sistema e a vida, entre o sistema e o sentido.⁷

⁶ LÉVY, Pierre. **As Tecnologias da Inteligência: O Futuro do Pensamento da Era da Informática.** Tradução de Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1999, p.186.

⁷ BARCELLONA, Pietro. **O Egoísmo Maduro e a Insensatez do Capital.** Tradução de Sebastião José Roque. São Paulo: Ícone, 1995, p.121.

Nosso tempo é de muitas interrogações e incertezas, pois atualmente vemos que na guerra da informação o mais importante é a rapidez do *feedback* veiculado, ou seja, as telecomunicações, tendo na *internet* o meio de globalizar em tempo real as informações, utilizam-na de tal forma num tempo técnico que se sobrepõe à própria realidade em proveito de um mundo virtual.

É por isso que a problemática da sociedade da informação é extremamente complexa, isto porque a própria democracia representativa torna-se vulnerável diante da democracia virtual.

A democracia virtual é menos complexa, todas as questões sociais e os desafios coletivos tornam-se abstratos, e por conseqüência, o irracional se expande e globaliza o imaginário coletivo, como se tudo pudesse ser compreendido de forma a condicionar a história presente e futura numa dimensão interativa global.

E, dentro do teatro da vida, os atores do tempo real se deparam dentro da dramaturgia cotidiana com a precariedade do emprego, com o desemprego, com famílias desfeitas e com muitas incertezas.

É portanto, com base nessa realidade que pugnamos por um questionamento mais profundo sobre as metamorfoses em curso em nossa sociedade. Não é admissível que os avanços tecnológicos provoquem tanta descrença com relação ao porvir e a triste sensação niilista.

O fato é que as novas tecnologias operam na onipresença planetária com seus efeitos dramáticos na organização do trabalho e na reestruturação produtiva. A conseqüência imediata desse processo é o desemprego e o enfraquecimento do movimento sindical mundial.

E assim, o irracionalismo avança, provocando grandes terremotos na vida das sociedades democráticas, como, por exemplo, a despilitização, a exacerbação do individualismo egocêntrico, fruto da eliminação do humanismo e da solidariedade.

Como afirma Gilberto Dupas:

(...) no mundo pós-moderno, as técnicas obedecem ao princípio de otimização das performances: aumento do *output* (informações ou modificações obtidas); diminuição do *input* (energia despendida) para obtê-las. O objetivo não é o verdadeiro, ou o justo, ou o belo, mas simplesmente o mais eficiente. A

administração da prova passa assim a ser controlada por um outro jogo de linguagem, no qual o que está em questão não é a verdade mas o desempenho, ou seja, a melhor relação *input/output*. O Estado e/ou a empresa abandonam o relato de legitimação idealista ou humanista para justificar a nova disputa no único discurso aceito pelos financiadores do mundo pós-moderno: a busca do lucro e do poder. Não se investe em cientistas, técnicos e equipamentos para saber a verdade, mas para aumentar o poder.⁸

Assim, entende-se que é necessário recuperar o conceito de sociedade civil como sujeito histórico, como fonte legítima desse processo de transformação em que se está vivendo, de modo a abranger de forma dialética os interesses de todos os excluídos e na revalorização da política e do político.

3. As metamorfoses do trabalho

A globalização está centrada no progresso das novas tecnologias e especialmente nas inovações de alta tecnologia que conduzem ao aumento da produção, mas, ao mesmo tempo, reduzem a necessidade de mão-de-obra, provocando a precarização do trabalho e um elevado índices de desempregados em todos os continentes.

Os interesses industriais e financeiros estão em conflito permanente com os interesses da sociedade civil e dos movimentos sociais.

O padrão mundial de desenvolvimento está assentado no domínio das informações, do saber e das novas tecnologias, e as conseqüências são o aumento da exclusão social. O fato é que essa reestruturação produtiva em curso tem criado muitos tipos de conflitos, pois aumenta as desigualdades sociais e transforma os trabalhadores em um ser descartável. Como afirma Liszt Vieira:

(...) a pré-história da globalização situa-se na década de 1960, quando as áreas periféricas da economia mundial começaram a ser sacudidas pela expansão da empresa transnacional, pela nova divisão internacional do trabalho, os empréstimos bancários baratos do mercado do eurodólar e o boom

⁸ DUPAS, Gilberto. **Ética e Poder na Sociedade da Informação**. De como a autonomia das novas tecnologias obriga a rever o mito do progresso. São Paulo: UNESP, 2000, p. 130.

petroleiro mundial. Na década de 1980, após a grande crise de meados dos 70/80, inicia-se uma nova história: o mundo industrial é sacudido por uma profunda reestruturação capitalista, sustentada tecnicamente na revolução informática e das comunicações, tornando possível a descentralização espacial dos processos produtivos. A nova tecnologia influi em todos os campos da vida econômica e revoluciona o sistema financeiro, pela conexão eletrônica dos distintos mercados.

Esse processo é complementado pelas privatizações, desregulamentação e flexibilização dos mercados, agudização da concorrência internacional entre capitais privados e capitalismo nacionais, compondo-se um quadro que modifica o funcionamento do mercado mundial, acelerando a internacionalização e gerando um conjunto de fenômenos novos (...) ⁹

Assim, nesse início de terceiro milênio, podemos configurar como a principal peça desse processo de globalização a consolidação da sociedade da informação e a internacionalização do capital financeiro. Daí entendermos que é necessário uma ação global dos excluídos, com o objetivo de fortalecer as forças sociais democráticas internacionais para se criar efetivamente uma sociedade civil global, tendo como base uma conexão entre democracia, direitos humanos fundamentais e um desenvolvimento sustentável com justiça social e proteção ao meio ambiente.

A globalização marca um momento de ruptura com o processo de evolução social e política que se vinha fazendo nesse último século. O progresso técnico aparecia como uma condição de realizar uma globalização a serviço da humanidade.

Vive-se um período em que a base fundamental da sociedade contemporânea é a simbiose entre ciência e técnica, cuja utilização é condicionada pelo mercado.

Daí a importância de se fortalecer a cidadania para se criar novos espaços libertadores. O professor Milton Santos ao criticar a globalização, assevera que:

A política agora é feita no mercado. Só que esse mercado global não existe como ator, mas como uma ideologia, um símbolo. Os atores são as empre-

⁹ VIEIRA, Liszt. **Cidadania e Globalização**. Rio de Janeiro: Record, 1997, p. 77.

sas globais, que não têm preocupações éticas, nem finalísticas. Dir-se-á que, no mundo da competitividade, ou se é cada vez mais individualista, ou se desaparece. Então, a própria lógica de sobrevivência da empresa global sugere que funcione sem nenhum altruísmo. Mas, se o Estado não pode ser solidário e a empresa não pode ser altruísta, na sociedade como um todo não tem quem valha.¹⁰

Portanto, essa globalização não somente mata a noção de solidariedade, como também alimenta a selvageria primitiva de cada um por si, e reduz os conceitos básicos de ética e cidadania.

Assim, é necessário resistir a esse processo de globalização, a partir de uma visão crítica desse discurso único da classe dominante. É uma forma de totalitarismo, porque se baseia num sistema formado pelos governos e pelas empresas, na qual a técnica e seu imaginário não aceita discussão, e é implacável na sua exclusão social e digital.

Assiste-se um globalitarismo da competitividade exacerbada, com o conseqüente endeusamento do individualismo, que acaba por dificultar uma visão do mundo e do consumo desenfreado e despótico, fruto do império da informação e da publicidade.

É, portanto, chegado o momento para superar esse individualismo egocêntrico que se incorporou ao homem pós-moderno, o qual vem se alimentando de uma guerra sem fim.

Nesse quadro complexo, o mundo do trabalho vem sofrendo muitas vezes com uma repercussão profunda na sociedade e nos movimentos sociais.

Não só a sociedade está fragmentada diante dessa realidade, a democracia e a cidadania encontram-se ameaçadas, pois a precarização do trabalho e a fragilidade das organizações sindicais dos trabalhadores leva indubitavelmente à grande maioria das sociedades contemporâneas muitas incertezas e inseguranças no porvir.

Como assevera Antonio David Cattani na sua análise sobre as mutações econômicas e sociais contemporâneas e seus efeitos no mundo do trabalho,

¹⁰ SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2001, p.67.

Uma sociedade sem trabalho. Esse é um dos pesadelos deste fim de século (século XX). O trabalho foi, durante muito tempo, o fator de integração, de produção de identidades coletivas estáveis e modelo de referência suscetível de estruturar o campo social. A sua dimensão negativa (como fator de alienação e de exploração) fomentou a resistência dos trabalhadores e as críticas ferozes dos marxistas e humanistas, mas não a ponto de abalar o mito do progresso linear e da eficiência integradora da organização econômica.¹¹

Assim, torna-se relevante nesse processo de reestruturado capitalista global buscarmos compreender as metamorfoses no mundo trabalho, cuja conseqüência social mais grave é o desemprego.

O fato é que as alterações econômicas, sociais e culturais em curso afetou profundamente o mercado de trabalho. Com a introdução das novas tecnologias da informação e com a ideologia neoliberal que passou a influir na condução das políticas econômicas dos Estados, surgiram na sociedade as categorias sociológicas dos excluídos e dos incluídos.

E dentro desse contexto surge no final do século XX a palavra de ordem que é liberar, como pilar desse processo. O capital financeiro foi liberado e o capital produtivo passou a exigir um mercado de trabalho desregulamentado para recuperar o controle do capital sobre o trabalho; além disso, conseguiram fragilizar os sindicatos de trabalhadores. Como diz Francisco Teixeira:

O consenso econômico de inspiração neoliberal, que permitiu a expansão do desemprego, deve ser entendido também como conseqüência da instabilidade da moeda. Foram essas condições de instabilidade monetária que repuseram na ordem do dia as políticas monetaristas e, com elas, a velha opção de Phillips: menos inflação com mais desemprego.

Tais políticas permitiram criar uma atmosfera social favorável — através do desemprego de massa — para que as empresas retomassem o controle sobre o ritmo e a modalidade do processo de trabalho. Isso explica a necessidade de desregulamentar o mercado de trabalho, que se fez mediante uma precarização crescente das relações entre capital e trabalho.¹²

¹¹ CATTANI, Antonio David. **Trabalho e Autonomia**. Petrópolis-RJ: Vozes, 1996, p.80.

¹² TEIXEIRA, Francisco J.S. (Org.) **Neoliberalismo e Reestruturação Produtiva**: As novas determinações do mundo do trabalho. São Paulo: Cortez, 1996, p.80.

É isso que faz com que a atual sociedade capitalista tenha uma outra referência com relação ao trabalho, ou seja, a reestruturação da economia não considera o trabalho direto como a unidade mais importante dentro da empresa. Com isso, o trabalhador e o capitalista se encontram e se confrontam como simples comerciantes.

Apesar de o processo de acumulação capitalista ser em escala global, surge dentro desse contexto certas condições sociais que permitem ao sistema manter a dominação de classe, ou seja, de um lado, a classe dos vendedores da força de trabalho, e de outro, a classe dos possuidores do capital, e com isso se reproduz os pressupostos da dominação em larga medida pelos conflitos entre o capital e o trabalho.

Portanto, essas transformações político-econômicas têm sua pedra de toque na tecnologia da informação que obriga a uma revisão de conceitos de tempo e espaço, dada a grande revolução nos meios de comunicação.

Por isso é necessário repensar os valores que norteiam a nossa realidade e procurar entender essa revolução tecnológica que pode ampliar cada vez mais o distanciamento entre os ricos e os pobres, ou seja, aumentar a exclusão social.

A internacionalização da economia não pode ser confundida com a mundialização das classes sociais, ou seja, os capitalistas aumentaram sua coesão em escala internacional, enquanto que os trabalhadores foram repartidos por nações, afetando profundamente o movimento sindical mundial.

Assim, neste contexto de transnacionalização da economia, vemos na fragmentação dos trabalhadores o maior desastre para os sindicatos, pois essas organizações sindicais internacionais e nacionais não têm condições de conceber uma estratégia global de luta contra a lógica capitalista vigente. É extremamente difícil travar um combate contra um capitalismo que evita deliberadamente que a livre circulação de capitais e mercadorias se reflita numa livre circulação de pessoas, como é o caso do MERCOSUL. Ora, esta problemática remete para um problema central contemporâneo que é o desemprego.

A situação atual nos países considerados mais desenvolvidos tem um índice considerável de desempregados que, a longo prazo, só conseguiram encontrar trabalho em profissões sem estabilidade de emprego e sem

seguridade social, ou seja, irão alimentar a economia informal e a terceirização. O professor João Bernardo, ao analisar a fragmentação dos trabalhadores no mundo contemporâneo, diz que:

Junto com a terceirização, à qual aliás serve freqüentemente de base, a economia informal revela-se hoje como um perigoso fator de diferenciação na classe trabalhadora. Além das rivalidades nacionais está-se generalizando um novo tipo de divisão, que afeta os trabalhadores não só mundialmente, mas em cada país, repartindo-os entre: 1) um núcleo de profissionais altamente qualificados e, por isso, muito produtivos, o que lhes permite receber salários relativamente elevados e, sobretudo, gozar de estabilidade no emprego e de direitos sociais; 2) uma vasta franja de trabalhadores empregados em empresas subcontratantes, ou laborando em regime de terceirização ou de *part-time*, e que, além de ganharem menos, têm uma situação sempre precária; 3) um setor socialmente marginalizado e condenado às formas mais degradadas da mais-valia absoluta. É nestes segundo e terceiro setores que hoje se difunde a economia informal.¹³

Assim sendo, torna-se imperativo para os trabalhadores mobilizarem-se para fortalecer as entidades sindicais como representantes legítimas na luta contra o desemprego e contra a precariedade do trabalho, pois só é possível ultrapassar o neoliberalismo quando os trabalhadores forem reconhecidos como atores com existência coletiva.

Uma das maiores dificuldades para se superar a falta de mobilização da sociedade contemporânea é o individualismo, pois é fundamental que essa realidade seja encarada sem medo neste momento tempestuoso, fazendo um persistente combate contra as modernas formas de precarização e aviltamento do ser social que trabalha.

Portanto, é importante não apelar aos sentimentos por oposição ao intelecto. É uma forma de estimular o irracionalismo, e o mundo já conheceu o caráter político do irracionalismo e os seus resultados, quando os fascismos apelavam ao coração e aos sentimentos como base da sua ideologia para manipular as massas.

¹³ BERNARDO, João. **Transnacionalização do Capital e Fragmentação dos trabalhadores**. Ainda há lugar para os sindicatos? São Paulo: Boitempo, 2000, p.84.

O mundo do trabalho no atual estágio do capitalismo contemporâneo apresenta uma enorme desproletarização do trabalho industrial e fabril tradicional; além disso, vivencia-se a precarização do trabalho com a subcontratação e a terceirização vinculadas à economia informal. O resultado desse processo desumano é o fatídico desemprego.

Porém, não acreditamos no fim do trabalho, isto porque enquanto perdurar a lógica do capital, ou seja, o modo de produção capitalista, o trabalho não será eliminado como fonte criadora de valor, mas sofrerá mudanças no seu interior diante das novas tecnologias e de uma maior qualificação do trabalho.

O fato é que há mudanças profundas no universo da classe trabalhadora, ou seja, muitos trabalhadores foram desqualificados em determinados ramos, e muitos requalificaram-se em outros setores. Com essa segmentação no mundo do trabalho, os trabalhadores ficaram mais fragmentados e, por conseqüência, fragilizaram os sindicatos.

É nesse contexto que o movimento sindical se torna vulnerável a todas as investidas da lógica capitalista, e uma das estratégias utilizadas, é a crescente exacerbação do individualismo das relações de trabalho, deslocando o centro das relações entre capital e trabalho da esfera nacional ou regional, para o universo do local de trabalho ou seja, para o âmbito da empresa..

Além disso, consolida-se em todas as sociedades modernas a flexibilização dos direitos sociais e sua posterior desregulamentação, atingindo duramente as conquistas históricas do movimento sindical mundial e colocando em xeque a democracia.

Mas, é necessário que as entidades sindicais façam a sua parte, modificando seus corporativismos, e incluam em escala global as novas lutas pela preservação dos direitos sociais e pela aproximação dos movimentos sociais, para com isso se legitimarem como entidade societária e comprometida com o nosso tempo. Diz Gilberto Dupas que:

Os imensos custos sociais acarretados pela mudança nos padrões tecnológicos aparecem como inevitáveis. A divisão social do trabalho subverte-se pela contínua evolução dos sistemas técnicos, motivada pelo embate estratégico da concorrência. Tudo se passa como se a técnica, por seu próprio movimento, se tornasse uma potência longínqua que designa os sacrifícios nas socie-

dades da pós-modernidade. A técnica em expansão, embora abra novos domínios ao poder criador e à atividade dos homens, está a serviço do capital e de sua acumulação. É uma devoradora de trabalho e ajuda a suprimir empregos, em vez de criá-los. A tecnicalização intensiva, até o momento, aumentou as brechas no âmago do corpo social. O desemprego, com seu conteúdo intrínseco de violência, esboça quadros trágicos que incluem numerosos homens e mulheres deste tempo.¹⁴

Portanto, é fundamental não considerar a ciência contemporânea como um deus cibernético, apesar de a lógica global visar submeter o mundo às tecnologias da informação e automação sem um senso crítico. Ou, em outras palavras, a técnica nos possibilita conhecer muitas coisas, mas é preciso saber tirar o melhor proveito da técnica sem se tornar servo da lógica mercantilista e do vazio ético reinante.

Considerações finais

Vivemos numa fase em que as palavras perderam o sentido, e talvez não só as palavras estejam enlouquecendo, mas nós mesmos ao alimentarmos o conformismo e a desesperança.

Portanto, é importante observarmos que a história nos apresenta várias alternativas para enfrentarmos o hoje, uma vez que somos os construtores do nosso porvir.

Nosso tempo está marcado pelo individualismo egocêntrico e pelo consumo exacerbado. Mas é preciso que retomemos as ações que fortaleçamos a cidadania, como princípio fundamental da democracia e que nos engajemos nos movimentos sociais libertários e na luta pela reconstrução das ações sindicais.

A história nos confirma que foi a união dos trabalhadores que constituiu uma reação à injustiça e à exploração do trabalho, no processo histórico de uma consciência de classe durante e após a Primeira Revolução Industrial (Inglaterra – no século XVIII).

¹⁴ DUPAS, Gilberto. **Ética e Poder na Sociedade da Informação**. De como a autonomia das novas tecnologias obriga a rever o mito do progresso. São Paulo: UNESP, 2000, p.79.

Daí ser incontestável dizer que o direito do trabalho nasceu insurgente e revolucionário e começou a brotar nas lutas de classe, rompeu com o individualismo jurídico e desmistificou o Estado liberal daquele século.

Esse Direito surgiu nas entranhas da sociedade capitalista e fez renascer uma esperança para a humanidade. A reação dos trabalhadores à injustiça e à exploração do trabalho chamou a atenção daqueles que detinham o poder econômico e político. Não tardaram os embates entre capital e o trabalho com seu desdobramento em todo o mundo, e nesta luta consolida-se o movimento operário mundial.

O que se pode tirar em relação a teologia do direito do trabalho é que, ao longo da história, as conquistas sociais foram sendo transformadas em direitos positivados, e tornaram-se uma referência fundamental para as sociedades democráticas.

Depois de muitas batalhas, os trabalhadores de todo o mundo entenderam que os problemas dentro da relação capital e trabalho eram comuns em todos os países e que somente a união poderia fortalecer a solução deste conflito.

Assim, os empregadores, sentindo-se ameaçados pelos avanços das lutas dos trabalhadores, foram levados a abrir um espaço internacional para discutir e debater a situação dos trabalhadores, por conseguinte, houve uma modificação do Estado liberal com relação às questões sociais.

É portanto, a partir dessa realidade que se ampliam as discussões sobre a importância de se aprofundar a visão do direito do trabalho além das fronteiras, ou seja, esse direito passa a ser concebido dentro de uma perspectiva formal internacional.

Daí o grande significado da internacionalização do direito do trabalho para o movimento sindical mundial, isto porque a essência desse direito se confunde com os seus fundamentos, os quais têm como base a melhoria das condições sociais dos trabalhadores, a liberdade sindical, a supressão do desemprego e uma ordem econômica mundial onde o ser humano se constitui em um valor prioritário em relação à lógica do capital.

O mundo do trabalho vem sofrendo os revezes da extraordinária mobilidade do capital, do processo de desindustrialização, das novas tecnologias e da precarização do trabalho; além disso, cria-se o mito de que não existe alternativa para o mundo globalizado e excludente.

Com a crescente mudança de paradigma do trabalho, o emprego tradicional torna-se mais flexível e faz explodir a informalidade.

Na decantada “utopia” neoliberal, os mercados livres e a globalização tornam-se uma grande referência num mundo fragmentado, com seus muitos significados e paradoxos.

As novas tecnologias criam um entusiasmo de consumo apoiadas pelas mídias globais. A dominação do econômico sobre o social está provocando diversas degradações, e a pior delas é a substituição do ser pelo ter e do ter pelo parecer-ter.

Torna-se relevante discutir e repensar essa sociedade da informação que se está vivenciando. O ícone dessa sociedade é o computador. Ligado em rede, ela está alterando profundamente as relações das pessoas no tempo e no espaço e reconfigurando o mapa-múndi.

Atualmente as redes informacionais ampliaram a capacidade de pensar do ser humano e, ao mesmo tempo, têm criado uma desigualdade social profunda, levando-se em consideração o processo que ocorre com relação às informações e de como elas são transformadas em conhecimento.

Daí ser uma marca do nosso tempo o fosso existente entre os incluídos na sociedade da informação e os excluídos digitais e entre as nações desenvolvidas e não desenvolvidas.

Nessa perspectiva, o processo de globalização tem um impacto fortíssimo com relação aos novos valores entre as nações, aos diversos fenômenos culturais e à redefinição sobre os atores da sociedade civil.

Hodiernamente existem muitos conceitos para enfatizar a era da globalização, como, por exemplo, “o mundo sem fronteiras”, “aldeia global”, “sociedade do conhecimento” e tantos outros. Porém, o pior deles é o do sociólogo norte-americano Francis Fukuyama, quando decretou em 1992 o fim da História.

Essas interpretações distintas sobre a globalização revelam que a globalização tem provocado no início desse século XXI muitos conflitos e prejuízos aos valores democráticos e de justiça social.

Nesse contexto, cabe à sociedade civil organizada e a outros movimentos sociais globais se integrarem na luta pela universalização de valo-

res éticos e sociais para impedir que as novas tecnologias amplie cada vez mais o distanciamento entre os países ricos e os pobres e entre os incluídos e os excluídos socialmente.

Referências bibliográficas

ALVES, Giovanni.. **O Novo(e precário) Mundo do Trabalho** Reestruturação produtiva e Crise do sindicalismo. São Paulo: Boitempo, 2000.

ANTUNES, Ricardo. **Os Sentidos do Trabalho**. Ensaios sobre a afirmação e a negação do Trabalho. São Paulo: Boitempo, 1999.

BARCELONA, Pietro. **O Egoísmo Maduro e a Insensatez do Capital**. Tradução de Sebastião José Roque. São Paulo: Ícone, 1995.

BAUMAN, Zigmunt. **Globalização: As conseqüências humanas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

BERNARDO, João. **Transnacionalização do Capital e Fragmentação dos trabalhadores**. Ainda há lugar para os sindicatos? São Paulo: Boitempo, 2000.

BOBBIO, Norberto. **Estado, governo e sociedade** – para uma teoria geral da política. 4.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

BEINSTEIN, Jorge. **Capitalismo senil: a grande crise da economia global**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

BOURDIEU, Pierre. **Contrafogos 2: Por um movimento social europeu**. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

CATTANI, Antonio David. **Trabalho e Autonomia**. Petrópolis-RJ: Vozes. 1996.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede (A era da informação: economia, sociedade e Cultura; v. 1)** São Paulo: Paz e Terra, 1999.

DUPAS, Gilberto. **Ética e Poder na Sociedade da Informação**. De como a autonomia das Novas tecnologias obriga a rever o mito do progresso. São Paulo: UNESP, 2000.

FERRER, Aldo. **Historia de la globalización: orígenes del orden económico mundial**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1996.

HOBSBAWM, Eric. **A Era dos Extremos**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

- IANNI, Octavio. **A Era do Globalismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.
- LÉVY, Pierre. **As tecnologias da Inteligência: O Futuro do Pensamento da Era da Informática**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Ed.34, 1999.
- MALDONADO, Tomás. **Crítica de la razón informática**. Barcelona-Espanha: Paidós, 1998.
- PLÁ Rodrigues, Américo. **Princípios de direito do trabalho**. São Paulo: LTr, 1993.
- PEREIRA, Joseceto Costa de Almeida. **O Trabalho e o Equilíbrio Social: Mercosul e Sindicalismo**. Porto Alegre: Síntese, 2000.
- POCHMANN, Marcio. **A Década dos Mitos**. São Paulo: Boitempo, 2001.
- SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência Universal**. 5. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- SINGER, Paul. **O Brasil na Crise: Perigos e Oportunidades**. São Paulo: Contexto, 1999.
- TEIXEIRA, Francisco J. S.(Org.) **Neoliberalismo e Reestruturação Produtiva: As novas Determinações do mundo do trabalho**. São Paulo: Cortez, 1996.
- VIEIRA, Liszt. **Cidadania e Globalização**. Rio de Janeiro: Record, 1997
- VIRILIO, Paul. **A bomba informática**. Tradução de Luciano V. Machado. São Paulo: Estação Liberdade, 1999.
- WARNIER, Jean-Pierre. **A mundialização da cultura**. São Paulo: Edusc, 2000.